

5 Análise Exegética de Mateus 21,33-46

5.1 Análise histórico-transmissiva do texto de Mateus 21,33-46

Esta parte da nossa pesquisa é dedicada à análise da redação da parábola dos vinhateiros homicidas. Através da análise histórico-transmissiva procuraremos confrontar a tradição preservada no texto de Mateus 21,33-46 com tradições semelhantes, proporemos harmonizar as características apresentadas por cada uma delas nas diferentes e importantes fases do processo de transmissão. Desta maneira, implicaria, que o caráter e conteúdo de uma “tradição possam ter recebido, em seu processo de transmissão oral, uma série de modificações, condicionadas por situações históricas e eclesiais distintas, ou por interesses especiais dos seus intérpretes individuais ou grupais”¹.

Essa análise consistirá em estabelecer os critérios e objetivos, dos quais dispomos para detectar os retoques ou glosas que provêm da comunidade cristã. Depois de analisarmos a tradição mais primitiva do texto de Marcos, compararemos com a versão mateana, considerado como testemunho de uma tradição independente de Marcos.

5.1.1 A autenticidade da parábola dos vinhateiros

Há algumas tentativas que preferem simplesmente conservar o relato dos vinhateiros, na perspectiva de Mateus, exatamente como se apresenta na sua forma atual². Deste modo, não se admite questionamentos quanto à autenticidade da

¹ Cf., WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento, Manual de metodologia*, p. 230.

² Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronns homicides*, p.105. Hubaut cita os seguintes exegetas que tentam mostrar a autenticidade da parábola dos vinhateiros homicidas: “J.M. VOSTÉ, *Parabola*, I, p. 343; S.M. Gozzo, *Disquisitio critico-exegetica in parabolam Novi Testamenti de perfidis vinitoribus* (Studia Antoniana, 2), Rome, 1949. Quant aux ‘reconstitutions’ de B.M.F. VAN IERSEL, ‘Der Sohn’ in den synoptischen Jesusworten Christusbezeichnung der Gemeinde oder

parábola em seu formato final³. Por outro lado, vemos registrado na parábola dos vinhateiros homicidas o insucesso da missão de Jesus junto as principais autoridades judaicas e suas respectivas instituições, de modo alegorizada principalmente na versão mateana da parábola. Percebemos, então, nesse sentido alegórico, que a parábola conjectura, as prováveis conclusões ponderadas pela Igreja, como comprovações de diversas situações vivenciadas pela comunidade mateana no período pós-pascal. Portanto, podemos definir com certa precisão, que a parábola dos vinhateiros homicidas é, em decorrência, uma alegoria. Conseqüentemente, trata-se de uma construção literária da comunidade mateana. Na realidade estamos diante de um *vaticinium ex eventu*, basta analisarmos Mateus 21,37-39: Em 21,37a encontramos a frase ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ. Não restam dúvidas que o envio do “uíός” ressalta a presença marcante de Jesus na sua missão a Israel. No correlato, em Marcos 12,6a encontramos a expressão: “υἱὸν ἀγαπητόν”, que é ainda mais determinante para nossa argumentação: “filho amado”. Um outro motivo contundente contra a autenticidade aparece no verso 38: οὗτός ἐστιν ὁ κληρονόμος, podemos destacar que as autoridades judaicas não imaginariam, em hipótese alguma, Jesus como κληρονόμος “herdeiro”.

O verso 38 relata como se deu à morte do último enviado, o filho: καὶ λαβόντες αὐτὸν ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελώνου καὶ ἀπέκτειναν, a menção da morte de Jesus é mostrada com detalhes: foi crucificado fora da cidade de Jerusalém⁴, cidade esta que efetivamente simbolizava a vinha de Deus.

No verso 42 percebemos a inclusão da passagem do Sl 118:

Οὐδέποτε ἀνέγνωτε ἐν ταῖς γραφαῖς· λίθον ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες, οὗτος ἐγενήθη εἰς κεφαλὴν γωνίας· παρὰ κυρίου ἐγένετο αὕτη καὶ ἔστιν θαυμαστὴ ἐν ὀφθαλμοῖς ἡμῶν.

Essa citação é literalmente extraída da versão da Septuaginta do Sl 118,22-23. Por conseguinte, trata-se de uma perfeita e evidente avaliação que a comuni-

Selbstbezeichnung Jesu? (SupplNT, 3), 2 éd., Leiden, 1964, pp. 124-145; X. LÉON-DUFOUR, *La parabole des vigneronniers homicides*, p. 327; M. BASTIN, *La passion du fils de l'homme dans les dits de Jésus. Contribution à l'étude du Jésus de l'histoire* (Dissertation doctorale polycopiée), 2 vol., Strasbourg, 1973, pp. 11-102, elles ressemblent un peu trop à la version marcienne! S'il suffisait de retrancher la citation d'Is., du Ps., et le v. 5b, le problème de l'authenticité ne se poserait pas”.

³ Conforme apresentamos no status quaestionis, os exegetas modernos endossam a crítica levantada anteriormente por A. Jülicher sobre a parábola dos vinhateiros JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, pp. 72-83; DODD, C. H., *The Parables of the Kingdom*, pp. 126-30; LOISY, A., *Les évangiles synoptiques*, II, pp. 318-320; BONNARD, P., *Matthieu*, pp. 314-315.

⁴ Os seguintes textos comprovam isso: João 19,20 e Hebreus 13,12.

dade cristã faz *a posteriori*. Essa citação é uma interpretação e aplicação: idealiza a prova fundamental da expectativa cristã, e sinaliza a efetiva e plena vitória derradeira de Cristo. Sem sombra de dúvida que, a imagem que apresenta a narrativa dos vinhateiros, na referência veterotestamentária, trata-se de um elemento redacional genuinamente secundário.

Além dessas informações propositivas contra a autenticidade da parábola, também podemos deduzir que, possivelmente a parábola foi escrita por um cristão que exprimia uma compreensão da história marcada pela fé cristã e pela constatação da incredulidade e da culpabilidade das principais autoridades religiosas judaicas.

O evangelho de Mateus, assim como o de Marcos e Lucas apresentam a parábola dos vinhateiros homicidas como sendo originária de Jesus. Mas, a partir de uma análise cuidadosa, principalmente na versão de Mateus 21,33-46, observamos elementos vivenciados pela comunidade mateana. O que é determinante aqui é a suposta “influência da fé da comunidade na formação e transformação da tradição”⁵ para atender a teologia do evangelista.

M. Hubaut fala sobre essa transmissão:

“Sabemos que o movimento normal da tradição é o de uma transmissão, constituído ao mesmo tempo por um ato fiel, porém interpretativo, mas não a de uma criação *ex nihilo* ou de uma deterioração sistemática, pensamos que metodologicamente seja possível, porém não fácil procurar por uma versão “primitiva” da parábola⁶.

A tradição⁷ da parábola dos vinhateiros homicidas em sua forma final nos foi transmitida pelo redator mateano, incluindo ou alargando o material pré-existente, de acordo com suas dimensões de interpretação específica que procura efetivamente enfatizar⁸. Certamente, que o uso da parábola, conforme a narrativa do evangelho de Marcos, ressalta certas possibilidades alegóricas, como a referên-

⁵ Cf., KÜMMEL, W. G., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 51

⁶ Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronniers homicides*, p. 107.

⁷ Cf., KÜMMEL, W. G., op. cit., p. 52: “o primeiro impulso para a formação e transmissão da tradição evangélica teria partido da pregação cristã primitiva [...] o material da tradição mais antigo teria sido modificado de várias maneiras por motivos dogmáticos e apologéticos, parenéticos e disciplinares, dentro da comunidade [...]”.

⁸ Cf., SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 132. Para Schnelle “deve-se examinar os textos com vistas à maneira como foram trabalhados e compostos pelo redator final

cia à versão da Septuaginta⁹ de Isaías 5,2¹⁰ (Mateus 21,33 // Marcos 12,1)¹¹. O redator mateano modifica (Mateus 21,34-36) nitidamente o relato do envio dos servos, conforme Marcos 12,2-5. Entre outras mudanças, resta então a possibilidade, não obstante, em alto grau de probabilidade, que o redator tenha feito uso de material diversificado. Como por exemplo, notamos a inserção de uma cláusula redacional entre o verso 42 e o verso 44. Como resultado, não resta dúvida, é uma tentativa primorosa para por nos lábios de Jesus uma autêntica alegoria, que tem como objetivo, proporcionar a profecia que trata da crucificação e morte de Jesus, ocasionada pelas mãos cruentas das principais autoridades judaicas. O verdadeiro objetivo de Mateus é dar uma resposta de desagravo divino para esta ação totalmente inconseqüente. Assim, Deus rejeita inteiramente Israel e repassa a βασιλεία ao novo ἔθνος, de acordo com Mateus 21,43. Esta alegoria é plenificada então a partir da citação (v.44) veterotestamentária, conforme analisamos anteriormente. Mateus introduziu o Sl 118 evidentemente como documento textual de prova da ressurreição. Por conseguinte, serviu propositalmente para transformar o acabamento conclusivo da história de uma vingança para um verdadeiro e tão desejável triunfo¹².

Para Léon-Dufour, esta parábola descreve temas desenvolvidos e devidamente enfatizados pela comunidade primitiva: o tema da herança¹³, por exemplo, trata-se de um vocábulo que é totalmente desconhecido dos Evangelhos, só temos menção aqui nos vinhateiros, contudo é bastante freqüente no restante da literatura neotestamentária¹⁴. De igual modo, podemos verificar também a presença efetiva

[...] a fim de chegar à interpretação de todo texto. Cada evangelista narra sua história de Jesus à sua Igreja”.

⁹ Em vários pontos a parábola dá a impressão de não ter sido somente influenciado pela versão da Septuaginta, mas também pelo texto hebraico. Iremos comprovar essa hipótese ao término desta pesquisa.

¹⁰ Está claro que Mateus 21,33 // Marcos 12,1 alude a Isaías 5,2. O que verificaremos é se Mateus conhece Isaías pelo texto hebraico ou pela versão da Septuaginta.

¹¹ A citação de Isaías 5,2 também é achada em Marcos 12,1, mas está ausente em Lucas 20,9 e no evangelho de Tomé.

¹² Cf., CROSSAN, J. D., *The Parable of the Wicked Husbandmen*, pp. 455-456.

¹³ Cf., JEREMIAS, J., *As Parábolas de Jesus*, p. 73. Baseando-se num estudo de E. Bammel, Jeremias mostra que as regras de sucessão e de prescrição em uso na época, explicariam a atitude estranha dos vinhateiros que imaginaram matar o herdeiro, para tomar posse da herança. Não alegórica, a reflexão sobre a herança mostraria que a menção da morte do filho pertence à parábola primitiva.

¹⁴ EICHLER, J., in “κληρονόμος”, COENEN, L e BROWN, C. (ed.), *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. pp. 959-960. “O conceito de herança tem dimensões soteriológicas e escatológicas. Vincula-se com os atos históricos salvíficos de Deus [...] a parábola dos meeiros da vinha mostra Jesus como Herdeiro, e introduz o conceito veterotestamentário do remanescente.

do tema da vinda de Jesus no fim da história de Israel: perseguido indevidamente como os profetas e do mesmo modo ignorado completamente pelas principais autoridades e em alguns casos, pelo próprio povo¹⁵.

A partir dessas considerações, podemos concluir que a parábola dos vinhateiros é uma parábola que tem sua origem em Jesus¹⁶, mas que em um dado momento foi redimensionada com um esquema histórico-salvífico.

Javé escolheu Israel para ser seu povo. É sua vinha, e sua herança. Deu a terra a Israel, mas este desobedeceu. Agora, sobrara apenas um remanescente. Este remanescente, referido repetidas vezes pelos profetas, é, em última análise, Jesus, o Filho”.

¹⁵ Cf., LEON-DUFOUR, S. J. X., *Études D'Évangile*, p. 309. Léon-Dufour observa que a parábola dos vinhateiros homicidas contem alusões claras a acontecimentos do tempo de Jesus e da geração pós-pascal, do 1º século, que utiliza um vocabulário tão próximo da comunidade primitiva, que pôs nos lábios de Jesus uma alegoria. As passagens do Novo Testamento citadas por Léon-Dufour, são: Gl 3,18.29; 4,7; Rm 4,13.14; 8,17; Gl 4,4; Jo 1,11.

¹⁶VIA, D. O., *The Parables*, p. 133. Via observa que a autenticidade desta parábola é muito questionável: “o conteúdo é artificial, e só pode ser lido como uma alegoria”.

5.2 Análise da redação de Mateus 21,33-46

A transformação que o redator mateano provocou nitidamente no relato de Marcos, inserindo e remanejando ao longo da parábola, torna a sua narrativa muito singular. Isso ele faz, articulando em definitivo de um jeito bem peculiar ao seu interesse. Temos, portanto, na versão mateana: resumos e reformulações, e principalmente inserção de material próprio. Ele se afasta de Marcos¹⁷ quando lhe é inteiramente conveniente. A parte principal, centralizada por Marcos (Marcos 12,2-5) é abreviada radicalmente de maneira que manifestam somente as descrições que são importantes e essenciais no relato: a missão dos servos e, por conseguinte as ações indiscriminadas dos vinhateiros. Assim Mateus, no verso 33, acrescenta, indicando que o proprietário da vinha é ο ἄνθρωπος οἰκοδεσπότης, ou seja, aquele que administra a casa, inclusive a família, criados, servos e escravos. οἰκοδεσπότης faz parte das concepções mateanas em relação ao “senhor da casa” e também quando está ligado ao “servo”¹⁸.

A expressão: καὶ ὠρυξεν ἐν αὐτῷ ληνὸν “e construiu nela um lagar” apresenta o vocábulo grego ληνός. Na parte baixa do terreno, preparado para a vinha, se construía uma gamela, aproveitando a depressão do terreno. Na parte alta ficava o lagar. Assim facilitava a passagem do líquido, que escorria atravessando as aberturas para a parte inferior, a gamela. Toda esse aparato construído na parte superior e interligado com a parte inferior do terreno era conhecido com o nome de ληνός. Havia preferência para a construção do receptáculo de pedras, justamente por facilitar o condicionamento e o esfriamento do líquido. Assim, o conjunto inteiro da construção, com a gamela, a escavação e o lugar de pisar normalmente era considerado como ληνός.

Com um indicativo temporal: ὅτε δὲ ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῶν καρπῶν (v. 34a) o redator mateano introduz a missão sucessiva dos servos (34-39), isso se dá sob o sinal do “tempo dos frutos”. É interessante observarmos no verso 34¹⁹ o

¹⁷ KÜMMEL, W. G., *Introdução ao Novo Testamento*, pp. 130-131.

¹⁸ A palavra existe no Novo Testamento somente nos sinóticos: Marcos 1; Lucas 4; Mateus 7. Em Mateus com diferentes aplicações.

¹⁹ No v. 34b o redator propositalmente constrói no aoristo com infinitivo (πρὸς τοὺς γεωργοὺς λαβεῖν τοὺς καρποὺς αὐτοῦ).

καρπὸς αὐτοῦ em lugar de ἀπὸ τῶν καρπῶν τοῦ ἀμπελώνος²⁰. É possível que Mateus tenha efetivamente abdicado do lado emblemático de Marcos e infundido inteiramente na sua redação uma perspectiva de história da salvação. Exclusivamente no verso 41 que o redator vai complexificar de maneira categórica o seu plano salvífico. Porém, levará a cabo, determinantemente na inserção redacional, no verso 43. O “καὶρὸς τῶν καρπῶν” retrata justamente o período necessário desde o plantio até a colheita das uvas.

A parte final do verso 33 indica que o οἰκοδεσπότης se ausentou viajando: “καὶ ἀπεδήμησεν”, possivelmente para o estrangeiro. Quando chega o “καὶρὸς τῶν καρπῶν” ele envia os seus servos: ἀπέστειλεν τοὺς δούλους αὐτοῦ, para receber a parte que lhe cabia, conforme o contrato estabelecido com os vinhateiros: ἐξέδετο αὐτὸν γεωργοῖς. A ação inconseqüente dos γεωργοῖς se mantém inalterada desde do primeiro momento do envio dos servos: ἀπέστειλεν τοὺς δούλους αὐτοῦ. A circunscrição do relato, inconfundível do envio dos profetas, é compendiado quando comparado a sua fonte (Marcos 12,2-5).

O objetivo do redator mateano é criar toda uma dramatização até chegar ao seu auge narrativo, nessa etapa do relato: ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ (21,37)²¹. “Como Lucas, também Mateus inverteu no verso 39 a seqüência de expulsar e matar, adequando-a à história da paixão: Jesus morre fora da vinha de Deus”²². Não há dúvidas que na narrativa mateana a morte do filho encontra-se respectivamente na mesma série das delinqüências precedentes. Podemos verificar a articulação que o redator explora devidamente no verso 38a, ao trocar o pronome demonstrativo, ἐκεῖνοι, deixando apenas οἱ δὲ γεωργοὶ. No verso 38b a preferência será a forma parenética colocada posteriormente ao verbo que se encontra no subjuntivo do aoristo: ἀποκτείνωμεν, assim ele insere de maneira especial, σχῶμεν.

A frase temporal ὅταν οὖν ἔλθῃ ὁ κύριος τοῦ ἀμπελώνος (40a) está devidamente articulada, criando uma nova e importante dinâmica no relato. A pergunta feita aos interlocutores de Jesus, tem em contra partida uma resposta rápida e definitiva, quanto ao destino dos vinhateiros no relato mateano. O questionamento

²⁰ Conforme Marcos 12,2

²¹ Mateus abre mão do “ἀγαπητός” de Marcos no v. 37.

²² Cf., SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 140.

apresentado trata da ação determinante do οἰκοδεσπότης com sua vinha: τί ποιήσει τοῖς γεωργοῖς ἐκείνοις. A resposta é enfatizada de maneira enérgica: κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτοὺς (v. 41). Evidentemente uma precipitação dos interlocutores, pois a história se refere a eles. Desta maneira, o redator mateano faz com que as principais autoridades judaicas determinassem a sua autocondenação. Deste modo, os antagonistas de Jesus articulam efetivamente sua própria sentença. A narrativa ratifica a sentença. A dinâmica do relato mostra a interpretação deste juízo, e o faz introdutoriamente com uma citação bíblica bem persuasiva: οὐδέποτε ἀνέγνωτε ἐν ταῖς γραφαῖς· (v. 42). Já que o verso seguinte mostrará essa ação punitiva de maneira conclusiva.

A partir de agora a narrativa se configura de forma mais ampla e se insere implicitamente a idéia de novos vinhateiros. O verso 43²³ faz uma conexão direta com o verso 34, principalmente na questão dos frutos. A teologia dos frutos²⁴ (v. 34a, 41b e 43b) é introduzida no relato, tornando-se um elemento agregador de toda narrativa²⁵. De fato, centraliza o pensamento mateano no relato. Mas, também é perceptível em todo o seu Evangelho (3,8.10; 7,16-18; 12,33; 21,34.41.43).

O verso 43 é introduzido com uma fórmula genuinamente mateana: διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν²⁶. É interessante analisarmos a relação do διὰ τοῦτο com a dinâmica do relato²⁷. Ao mesmo tempo em que é inserido na narrativa como uma fórmula de introdução, ele dá uma seqüência ao verso precedente e compacta efe-

²³ O estilo do versículo 43 é próprio do redator mateano. Podemos observar nesse estilo uma marca efetiva do redator. Ele dá certa preferência a tipos de fragmentos, como informações compactadas que finalizam perfeitamente o seu pensamento. Tais fragmentos, que possivelmente sejam cláusulas redacionais, também servem como fórmulas aplicativas da sua teologia, que aclaram definitivamente o conteúdo do relato. Esse procedimento pode ser observado em diversos textos: Mateus 5,16; 12,45c; 16,12; 17,13.

²⁴ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 77. “O pensamento do pagamento dos frutos, através da ressonância de SI 1,3 passa de improviso a concepção simbólica do dar o fruto. Este é um pensamento nuclear em Mateus que depois, vestido de simbolismo, se desenvolve no versículo 43 com uma leve inconseqüência, fiel a base de Marcos, se alude a citação cristológica (v. 42)”.

²⁵ Cf., HUBAUT, M., *La parabole des vigneronniers homicides*, p. 69. “Trata-se da mesma mão que reforçou o tema da produção dos frutos”. Hubaut apresenta alguma reserva ao atribuir a Mateus os retoques ao v. 34a e 41 b.

²⁶ Para dá seqüência ao verso precedente, διὰ τοῦτο aparece 6 vezes no Evangelho. Na seqüência de Marcos apenas uma única vez. No correlato de Lucas encontramos três vezes. No entanto, com a fórmula completa que aparece aqui: διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν encontramos também nos seguintes versos: Mateus 6,25 // Lucas 12,22; Mateus 12,31 // Marcos 3,28. Diferentemente, em Mateus 23,13, διὰ τοῦτο retorna para dá seqüência ao ὅτι.

²⁷ Cf., COSTOYA, R. S., *La Parábola*, p. 336: “διὰ τοῦτο se refere a toda parábola. Não pode se referir ao v. 42, cujo alcance é diferente, nem apenas ao v. 41, porque o v. 43 é mais amplo, mas a toda a parábola, e em especial a dupla falta: a morte dos enviados e a esterilidade da vinha. A vi-

tivamente todo o arco narrativo que começou desde o verso 34 e teve o seu fechamento no verso 39. Desta maneira, a fórmula, meramente estilística, introduz o diálogo final da narrativa (v. 40-44), que tem no verso 43 o seu elemento aplicativo²⁸. Para D. Buzy²⁹, o verso 43 está unido, mas sem qualquer grande afinidade com o verso 41, e muito menos ainda com 42. De igual modo pensa J. Pirot³⁰ e R. S. Costoya³¹. A falta de uma conexão na seqüência lógica dos versos 41.42.43, não deve efetivamente determinar que διὰ τοῦτο não faz qualquer referência ao verso 42, somente pela dificuldade de inclusão do possível encadeamento.

Também podemos observar que o correlativo interrogativo indireto ὅτι³² em relação às fórmulas de asseveração pertence ao estilo característico do redator mateano. Em 5,22a temos o uso de ὅτι da seguinte maneira: ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν ὅτι. O mesmo pode ser observado em 5,28³³: ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν ὅτι. Conseqüentemente, o emprego de ὅτι pode ser observado sempre após uma asseveração insistente³⁴, bem como em 8,11: λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι πολλοὶ ἀπὸ ἀνατολῶν καὶ δυσμῶν ἤξουσιν. É presumível que se trate de uma redação legitimamente do próprio punho do redator mateano. Pelas citações observadas, o correlativo ὅτι de fato pertence ao estilo mateano usado em fórmulas características de asseveração³⁵. Nesse caso, observamos que a colocação do correlativo na cláusula redacional do verso 43, apresenta-se de forma distinta da seqüência lógica esperada do versículo. Na realidade estamos diante de um legítimo paralelismo antitético, ou seja, a segunda parte que faz o paralelo é inteiramente antagônico à idéia anterior, isso se dá em termos efetivamente contrários: **1^a**: [...] ὅτι ἀρθήσεται ἀφ' ὑμῶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ: **2^a**: καὶ δοθήσεται ἔθνει [...].

nha confiada aos primeiros vinhateiros (v. 33) é confiada a outros vinhateiros (v. 41). O v. 43 retoma a imagem com clareza”.

²⁸ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 83. “διὰ τοῦτο se refere a toda parábola e não ao versículo 42 a causa da diferença da declaração, tampouco só ao versículo 41, posto que o conteúdo do v. 43 é muito mais amplo”.

²⁹ BUZY, D., *Lês paraboles*, p. 418.

³⁰ PIROT, J., *Paraboles*, p. 380.

³¹ COSTOYA, R. S., *La parábola*, p. 337.

³² Cf., MURACHCO, H. *Língua Grega. Visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Vol. I, 2001, pp. 161-162.

³³ O emprego de ὅτι pelo redator mateano está presente também em: 5,32; 12,36; 16,18; 19,9.

³⁴ Depois de uma declaração fortemente de juízo: λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι πᾶν ῥήμα ἀργὸν ὃ λαλήσουσιν οἱ ἄνθρωποι ἀποδώσουσιν περὶ αὐτοῦ λόγον ἐν ἡμέρᾳ κρίσεως (Mt 12,36); de igual modo podemos verificar também em: 16,18; 19,9.

³⁵ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 80. Esta é a conclusão de Trilling.

O uso pelo redator dos verbos ἀρθήσεται // δοθήσεται, mostra-nos uma forte relação no axioma transmitido em Mateus 13,12 com a possível extensão redacional em 21,43:

Mateus 13,12

ὅστις γὰρ ἔχει,	a	Quem quer que, pois tem,
δοθήσεται αὐτῷ	b	será dado a ele
καὶ περισσευθήσεται.	c	e terá em abundância;
ὅστις δὲ οὐκ ἔχει,	d	quem quer que, porém, não tem,
καὶ ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.	e	até aquilo que tem será tirado dele

Mateus 21,43

διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν	a	Por isso voz digo
ὅτι ἀρθήσεται ἀφ' ὑμῶν	b	que será tirado de vós
ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ	c	o reino de Deus
καὶ δοθήσεται ἔθνει	d	e será dado a uma nação
ποιούντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς.	e	que produza os seus frutos.

Há uma relação comprovada em ambos os textos. Trata-se de um apotegma, que foi duplamente transmitida. O redator em posse dessa sentença faz diferentes aplicações, porém mantém o paralelismo: ὅς γὰρ ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ· καὶ ὅς οὐκ ἔχει, καὶ ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ. “Porque ao que tem, ser-lhe-á dado; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado”³⁶. Possivelmente, houve uma influência direta em 21,43³⁷.

A expressão βασιλεία τοῦ θεοῦ não é típica do redator mateano³⁸. Ela aparece igualmente em 21,31: καὶ αἱ πόρναι προάγουσιν ὑμᾶς εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ, e em 12,28b: ἄρα ἔφθασεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. A idéia subentendida na cláusula redacional (v. 43) é que o reino de Deus será tirado de Israel e será entregue a um povo que produzirá devidamente os seus frutos. O redator

³⁶ Cf., Marcos 4,25; Mateus 13,12; Lucas 8,18 e Mateu 25,29. Nesses textos aparecem o futuro passivo de αἶρω e o par dialético δοθήσεται “será dado” - ἀρθήσεται “será tirado”.

³⁷ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, pp. 80-81. Trilling supõe uma influência do primeiro versículo sobre o segundo, já que ele esperaria o verbo composto ἐκδίδομαι como no v. 41, e não o verbo simples δίδωμι.

³⁸ Essa expressão (βασιλεία τοῦ θεοῦ) aparece com freqüência em Marcos.

mateano deu preferência a essa cláusula redacional, possivelmente com um único objetivo: o de mostrar para sua comunidade, que o reino de Deus foi transferido a um novo ἔθνος, já que era prerrogativa de Israel, que devido a sua inteira passividade, ou melhor, esterilidade em não produzir os frutos esperados. Para J. Jeremias³⁹ a expressão βασιλεία τοῦ θεοῦ seria um importante argumento que mostraria o quanto antiga consistiria essa tradição. Quanto à originalidade do verso 43, W. Trilling faz a seguinte afirmação:

“O emprego da βασιλεία τοῦ θεοῦ no versículo 43 não tem, de acordo com o vocabulário de Mateus nada de admirável e não constitui nenhum argumento de peso sobre sua paternidade, porém por razões de composição, estilísticas e de conteúdo tem sido escrito com segurança por Mateus”⁴⁰.

O redator mateano insere outras formas na composição: βασιλεία + (...): βασιλεία τοῦ πατρὸς μου (26,29), βασιλεία τοῦ πατρὸς αὐτῶν (13,43). Somente na definição integral de reino: βασιλεία (25,34). O vocábulo é também partilhado com “filhos”: υἱοὶ τῆς βασιλείας (8,12; 13,38). Outra expressão mateana agregada a βασιλεία é: εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας (4,23; 9,35; 24,14). Podemos também verificar o uso de λόγος formando a seguinte expressão peculiar a Mateus: τὸν λόγον τῆς βασιλείας (13,19)⁴¹.

O sentido da βασιλεία no contexto do verso 43 indica que será tirada das autoridades judaicas (21,23), e não do ὄχλος que aparece no verso final (21,46). A expressão ἀφ’ ὑμῶν, retrata efetivamente os vinhateiros em 41, que responde a pergunta do verso 40. Esses γεωργοῖς representam as principais autoridades judaicas com suas respectivas instituições, que se opõem radicalmente ao novo ἔθνος, pela sua improdutividade e total passividade. Em contra partida, nos deparamos com o ἔθνος, os novos vinhateiros, que recebem a βασιλεία. Como Mateus emprega o “plural quase técnico”⁴² para designar os “pagãos”, e que indubitavel-

³⁹ JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, pp. 72-73.

⁴⁰ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 82. Para Trilling: “21,43 está asegurado en cuanto a su texto. Zahn quería entender βασιλεία τοῦ θεοῦ [reino de Dios] como cocepto más amplio frente a βασιλεία των ουρανων [reino de los cielos]. El primero pensaría en el señorío de Dios que abarca el Antiguo y el Nuevo Testamento, el segundo sólo el fundado por Jesús (Mt 6,33, nota 36). Tanto esta concepción como la semejante a ella que defiende Allen (P. 67s y respecto de los pasajes citados) apenas tien hoy partidarios.”

⁴¹ Os textos de Mateus que fazem alusão a βασιλεία de Cristo são: 13,41; 16,28; 20,21.

⁴² A expressão é usada por LOHMEYER, E., *Matthäus*, p. 314, citado por Trilling, p. 85.

mente contemporizar a βασιλεία ao ἔθνος, é possível que estejamos diante de um fato incontestavelmente religioso. O vocábulo ἔθνος, no singular, só aparece em 24,7: ἐγεροθήσεται γὰρ ἔθνος ἐπὶ ἔθνος. E. Lohmeyer e W. Trilling sugestionam que ἔθνος possivelmente tem um significado respectivo e exclusivo a um povo de Deus. Porém, percebem que esse ἔθνος é devidamente novo quando comparado a Israel. Nesse caso, estaríamos diante de uma probabilidade expressiva no que tange a “história da salvação”, em que a Igreja seria efetivamente esse suposto ἔθνος. O redator estaria formulando uma significativa transformação de perspectiva em que a comunidade mateana propõe definitivamente se adequar da prerrogativa que anteriormente pertencia a Israel. Todavia, esse ἔθνος não está devidamente constituído, sem que seja feito de maneira especial uma insinuação aos pagãos ou a Igreja pagã-cristã⁴³. Assim sendo, alguns exegetas sustentam a opinião que o ἔθνος trata-se de fato dos pagãos⁴⁴. Portanto, podemos verificar que de fato Mateus nomeia ἔθνη com um sentido claro, comumente se tratando dos pagãos. Porém, é preciso considerar que tal emprego está devidamente em conexão com a fórmula πάντα τὰ ἔθνη conforme Mateus 6,32⁴⁵, onde o redator tem a preocupação de apresentar um ponto de vista principalmente universalista. Ele usa o adjetivo indefinido πάντα justamente no sentido de se estabelecer a universalidade do ἔθνη, correlacionando assim com uma definição muito mais ampla.

A cláusula redacional no verso 43 ainda apresenta outras particularidades extremamente importantes para se alcançar devidamente o significado da formulação articulada pelo redator. Podemos, então, perceber as características existentes nos verbos, que aparecem no futuro, ἀρθήσεται e δοθήσεται. Esses verbos não demarcam um fim dos tempos previamente anunciado. Isso é percebido porque se conservam diametralmente na coerência que pressupõe a parábola.

É na resposta inesperada dos oponentes de Cristo, no verso 41: [...] κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτοὺς [...], que Mateus devidamente pronuncia, a véspera da paixão de Cristo, uma presciência de um acontecimento que, logicamente no en-

⁴³ Cf., TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 85.

⁴⁴ Pensam que ἔθνος se refira inteiramente aos pagãos: JEREMIAS, J., *As Parábolas de Jesus*, p. 73-82; COSTOYA, R. S., *La parábola*, p. 338.

⁴⁵ Os pagãos no sentido de ἔθνη aparecem exclusivamente em 4,15; 6,32; 10,5.18; 12,18.21; 20,19.25.

tender do redator, já se cumpriu de forma concreta ⁴⁶. O redator mateano, de fato, admiti o conceito da ininterruptão da história salvífica. Basta verificarmos a amplitude que a expressão ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ⁴⁷ indica como uma realidade usualmente veterotestamentária como também neotestamentária.

Para o redator, não haveria dúvidas: era previsível que a penalidade determinante para os antigos vinhateiros, incidiria não necessariamente na destruição de Jerusalém, mas precisamente na transferência, estilisticamente articulada no relato, da βασιλεία⁴⁸. A “βασιλεία τοῦ θεοῦ” conforme o verso 43, apresenta, de maneira satisfatória, uma conotação exclusivamente de reino de Deus sobre Israel e sobre a Igreja, ou seja a presença real e absoluta de Deus, sob o seu total domínio. Conseqüentemente esperaria uma práxis determinante pelo ἔθνος na produção de frutos. “Por produzir frutos Mateus entende praticar a vontade de Deus (21,31), o que denota um nítido interesse parenético”⁴⁹. Os vocábulos καρπὸς e ποιέω são atestados devidamente na tradição mateana: em 3,8-10; 7,16-19 e 12,33.

O verso 44 é uma citação veterotestamentária que está devidamente integrada à transferência da βασιλεία com a finalidade de efetiva punição as principais autoridades judaicas. É precisamente no verso 45, que o redator mostra os ἀκούσαντες οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι onde terão o conhecimento imediato que eles são os protagonistas da narrativa. Ficam acuados, em 46, pelo simples fato do ὄχλος considerar Jesus um verdadeiro profeta.

O redator finalizar a parábola que é fortemente marcada pela polêmica e ilustra perfeitamente a recusa dos Judeus em entregar os frutos pedidos, o verso 43 contrapõe por um lado o judaísmo estéril e de agora em diante totalmente privado da βασιλεία e, por outro lado, a Igreja, que recebe a βασιλεία e responde fielmente a esta nova vindicação.

⁴⁶ Assim pensam: W. Trilling, X. Léon-Dufour, R. S. Costoya.

⁴⁷ As expressões βασιλεία τοῦ θεοῦ e ἔθνος que, nesta conjectura, são introduzidas normalmente pelo redator mateano, são na realidade poucos mateanas.

⁴⁸ TRILLING, W., *El Verdadero Israel*, p. 86.

⁴⁹ Cf., SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*, p. 140.